

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEVENWORTH
Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao diretor

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Grande comício de protesto
no dia 20 do corrente, domingo, às 4 horas
em ponto da tarde

NO LARGO DE S. FRANCISCO

POVO! TRABALHADORES!

E' chegado o momento de virmos a publico expor as nossas precárias condições, de patentear na praça publica o estado de penúria que nos domina em consequencia da ganancia insaciavel dos exploradores que acaparraram todas as riquezas sociais.

Os grandes agraçados, na sua ansia desesperada de acumular fortunas, conluíram-se entre si formando os trusts poderosos. Tudo monopolizaram, tudo acambararam, determinando com essa acção criminosa a carestia geral que, num crescendo assustador, eructantemente nos asubleria.

Os alugueis já absorvem grande parte do ganho de cada um, obrigando o povo que vive do seu trabalho insano a se alimentar com os generos de infima qualidade, falsificados ou já deteriorados, pois o que é bom e puro só os avariados da fortuna podem consumir.

O povo que produz, o povo que é o unico factor de todas as grandezas desta sociedade, já sente a miséria bater-lhe á porta.

E esta situação, muito ao contrario de tender ao fim proximo, patencia-se do dia para dia para mais ameaçadora.

Urge, portanto, que os interessados, os trabalhadores e o povo em geral se agitem, em defesa dos seus interesses, unica maneira de serem respeitados os seus direitos á vida.

POVO! TRABALHADORES!

E' necessario agir prontamente, vir á praça publica protestar contra este insustentavel estado de coisas.

E' com esse fim que se realizará o grande comício no domingo, ás 4 1/2 horas da tarde, no largo de S. Francisco.

NOS ARRABALDES

Para tomar parte no GRANDE COMICIO DO LARGO DE S. FRANCISCO, virá o povo dos seguintes bairros:

Na Mooca — O povo reunirá-se, ás 3 horas da tarde, no cruzamento das ruas da Mooca e João Antonio de Oliveira, de onde virá para o Largo da Concordia;

No Brás — Realizar-se-á o comício no Largo da Concordia, ás 3 e 1/2 horas da tarde, de onde o povo virá, conjuntamente com a coluna da Mooca, para o largo de S. Francisco;

No Bom Retiro — Realizar-se-á o comício ás 3 e 1/2 horas da tarde, no cruzamento das ruas S. Antonio e 13 de Maio, para de lá vir para o largo de S. Francisco;

No Bom Retiro — Reunir-se-á o povo no cruzamento das ruas da Graça e Tees Rios, ás 3 e 1/2 da tarde;

No Cambuci — O comício terá lugar ás 3 horas da tarde, no largo do Cambuci.

POVO! TRABALHADORES!

AOS COMICIOS DOS ARRABALDES E TODOS EM MASSA PARA O GRANDE COMICIO DO LARGO DE S. FRANCISCO, ás 4 horas da tarde do dia 20 do corrente!

A Ciga Popular Contra a Carestia da Vida.

UNAMO-NOS!

A nenhum de nós é hoje permitido duvidar que a conquista da America do Sul, especialmente do Brazil, por parte do clero catolico, é coisa assentada e fora de discussão. Dissemos conquista, porém; reconquista seria um termo mais justo, mais exacto.

Sabe-se que com a queda da monarchia e a subsequente implantação do regime republicano deixou o catolicismo de ser a religião official, passando para a mesma categoria dos demais credos aqui estabelecidos.

Tendo cessado desde então todas as vantagens materiais que lhes advinham da sua situação privilegiada, trataram os seus ministros desde logo de, por meios indirectos, desforçar-se, sem que entretanto isso desse muito na vista, sorrateiramente.

E não se pode dizer que não tenham colhido os melhores resultados com o metodo de acção que lhes é peculiar para os fins que tem em mente.

Para tal, é verdade, contavam e contam com armas poderosíssimas que nenhum adversário pode opor, tão solidas como eles.

Mestres emeritos na arte de subugar vontades, tendo ao seu dispor o formidável exercito feminino, diestro do qual o homem, mesmo o mais inflexível, quasi sempre succumbe, fácil

lhes foi, em pouco tempo, tornarem-se senhores do campo. Perdidas simultaneamente duas grandes praças fortes, como eram a França e Portugal, depois dos titânicos esforços de administradores e corajosos assaltantes, retiraram-se os vencidos, vindo então reforçar ainda mais as fileiras clericais das hostes que já ameaçavam lançar por terra o edificio construído pelos homens de 89.

A reacção manifesta-se abertamente, e para nós outros o perigo é enorme. Basta lançar um golpe de vista por todo o vasto territorio brasileiro, para ver como a situação é premente de obstáculos a uma acção que tenha por fim livrar, se ainda é tempo, o povo das garras dos abutres romanos.

Para nós, que vemos as nuvens de jesuitas que, como ganhanos, vão cobrindo o país, não tardando este a sentir os efeitos da devastação que se prepara, a situação desenhase clara.

A influencia nefasta do jesuita manifesta-se por toda parte: nas leis restrictivas da liberdade individual, do salario e da economia social, das leis a mais feroz e típica é a da expulsão de estrangeiros, esta monstruosidade que confronta a civilização a corja de degenerados, de gosadores impudentes que se dizem representantes do povo.

Diante do que vemos, é preciso entretanto não nos deixarmos quedar como mucilmanos e esperar que Alá intervenga, ou como os cristãos

com a sua — Divina Providencia —.

Se queremos que o mal não se apodere de todo o corpo social, gangrenando-o, unamono desde já todos, façamos um supremo esforço, cerremos fileiras em torno da nossa bandeira de combate ameaçada, e estejamos certos que os indiferentes, os comodistas, mesmo os fracos de animo não acompanharão no combate.

Assistir sem um protesto, sem revolta, á pouca vergonha que por aí vai, é proprio de seres que já não podem discernir entre o que é belo e nobre e o que é nojento e aviltante. Isto é o que nenhum homem que tem a consciencia dos seus deveres deve querer.

Unamo-nos por conseguinte todos em defesa da nossa liberdade. O momento exige que estejamos alertas para não sermos apanhados de surpresa. Velemos pelos nossos direitos!

Adreal.

Rio, 13 — IV — 1913.

Igreja às escuras?

FESTA... SEM LUZ. — O dr. Baltazar de Bem, intendente de Cachoeira, depois de um atrito com o vigário daquela localidade, mandou cortar a luz electrica da igreja, antes dos festejos da Semana Santa.

Este acto provocou protestos da parte do povo cachoeirense, sendo nomeada uma comissao de senhoras, a fim de angariar donativos, para a igreja ter luz propria.

Uma igreja às escuras! Não comprehendemos. Estavam certos que a igreja era a casa de Deus, d'Aquella que não sabemos bem ha quantos mil annos, dizendo: "Fiat lux", illuminou toda esta meleca. Palavra d'honra que não comprehendemos...

Deve haver engano. A casa do Senhor às escuras só porque o sr. Bem, o intendente, mandou cortar o fio electrico!

Qual! Não podemos acreditar nisto mesmo que a noticia nos viesse lá do Oriente pela boca de Baltazar, o mago.

A triste situação do povo



— Ué lá, desgraçado. Esfalta-te, morre, mas cumpre submissamente os teus deveres para com a sociedade, que não te assiste. Assim a mandam os deuses do céu...

OS PADRES E A GUERRA

Num jornal de Munich, o dr. Hans Barth publica um veemente libelo accusatorio contra os cristãos balcânicos. Eis uma passagem:

«Ainda se me confrange o coração, quando penso nessa tarde de novembro, em Salónica. O país, cheio de soldados e comitatchis gregos e búlgaros, entre os quais heletos em trajes festivos, de revólveres em punho, a disparar a cada instante, em sinal de regozijo... De repente, a turba abre alas.

Um «papás» grego subalterno avança, trazendo na mão uma enorme bandeira azul e branca e na cabeça um chapéu alto sem aba, bem como a resplandente madeira polaca (traca de cabelos aglutinados pela porcaria); na face vermelha e papuda, agitam-se maldosamente dois olhinhos. Vem lentamente, solenemente, brandindo sempre a sua bandeira. Mas, atrás dele, como na Via Crucis dos velhos mestres, dois pobres diabos acorrentados, com o uniforme escuro dos telegrafistas militares turcos, são maltratados, espancados, em punhadas por uma turba berradora, que arrasta esses desgraçados para a praça onde há de ser julgados.

Nunca o horrível abismo entre a doutrina cristã e a sua prática me impressionou tanto como nesta guerra, e certamente, tanto como para mim, todos os cristãos europeus (não «cristãos balcânicos», não a bem). Em toda a sua vida, Cisar Borgia, Torquemada e Tilly não causaram tantos estragos como em poucos meses o clero balcânico, o verdadeiro instigador desses horrores. Mesmo o mais furioso fanático espanhol nada é ao lado dos padres que, na guerra turca, trucidam em nome de Cristo. Olhai-a apenas, essa padralhada benigna, esse rosto sarcástico e satisfeito de kalchas (padre)! No peito, um imenso crucifixo de ouro ou de

prata, à cinta duas pistolas e, sendo possível, um iatagan!... Ad maiorem Dei gloriam!

Fôra, amontoam-se os cadáveres em pilhas, o fêdor cada-vecio persegue-nos até ao hotel. Que importa isso aos pregadores do amor? Estão sentados no café, vermelhos, esvaziando cálices de licor uns após outros, fazem política, fanfarronam e consentem que os soldados e os bandidos se comprimam em volta da mesa deles e lhes beijem a mão peluda de pope... para correr logo, com a benção do «papás» a novos assassinatos.

E' o «papás», o padre, que tem a culpa dessa grande mancha. Porque é aticando o odio religioso que o clero balcânico mantém, e para si só, a sua situação onipotente. Ao instante em que os povos começassem a duvidar da omnipotencia e divindade do pope, lá se iria a sua dominacão; e nem as pessoas «cultivadas», nem as que o não são, tornariam a beijar a mão do kalchas... Mas esses tempos estão ainda distantes, afastados para bem longe pela conscienciosa carnificação em nome de Deus e da humanidade...



Os ovos de pascoa

Segundo a grande revista medica inglesa *Lancet*, a origem do costume dos ovos de pascoa é scientifica, e não lendaria ou religiosa; religiosa apenas duma forma indirecta. O ovo — o ovo de galinha, é claro, não o de chocolate ou farinha e açúcar — contém uma dose maxima de lecitina, que tão excelente efeito exerce sobre a nutricao.

Por causa dessa riqueza, por causa do efeito da lecitina e do seu valor nutritivo, é que na idade media se acreditava que era preciso comer ovos durante o jejum da quaresma.

O HOMEM

III

O homem é o terminus dum longa evolução cujos principios se perdem na noite dos tempos; a sua existencia durante a ultima parte do periodo terciario está irrefutavelmente demonstrada pelos numerosos fósseis encontrados e pelos desenhos destes ultimos annos.

Ha tras dele um passado, dum tal duração, que as narrações biblicas, com a criação do homem ha seis mil annos, por um deus revelado, nem mesmo merecem refutação, tão pueris são e em tal contradição entio com os factos scientificos mais claros e simples, com os dados da geologia, da arqueologia ou geologia prehistorica.

Os trabalhos dos egipciologos e dos indianistas baseados sobre as excavações e sobre numerosas descobertas, assim como sobre a interpretação das inscrições geroglíficas, dos livros das inscrições antigas, demonstram a existencia nas antigas regiões do Nilo e do Ganges etc., de um grau de cultura intellectual e de uma civilização extremamente notavel, mesmo no tempo em que, segundo a biblia, o primeiro homem tinha sido criado.

Da mesma forma, as tradições, relatando os factos passados no Egipto ha 120 seculos, na China ha 300 e na India ha 1200, demonstram, em face das descobertas archeologicas: esqueletos, utensilios, armas, encontradas em Chelles, Saint-Acheul, Lourdes, Neanderthal, Laugerie, Chalceda, Cro-Magnon, Dordogne, etc., que o homem viveu no periodo quaternario e que os seus antepassados immediatos: o *pithecanthropus erectus* descoberto em Java em 1894 e descrito por Neihring; e o possuidor do cranio de Sankauqu de Santos (Brasil) que tem a mesma contrahção (sinal de origem simiana) que o de Java, existiam durante o periodo terciario, anteriormente ao primeiro periodo glaciario e eram contemporaneos da renascença, do urozo das cavernas, do elefante meridional e do rinoceronte de Merki. Então a superficie da terra apresentava, em grande parte, uma conformação geografica e uma distribuição de climas, completamente diferente das actuais.

G. Novel.

A religião, instrumento de dominação

Traduzimos de *La Libre Pensée*, de Lausanne, o artigo abaixo, por mostrar a conexão devidamente o estado de espirito de certos sociólogos em religião, que a acham necessaria... para o povo. Chama-se o artigo: *Os nossos amos de amanhã*:

Na revista *Helvetia* (Berne, dezembro de 1912), publicada pela Sociedade de estudantes do mesmo nome, o sr. F. Savary Junior, filho do secretario do Sinodo, inseriu um trabalho sobre: "O papel social das religiões no Estado", estudo que constitui uma defesa do cristianismo em geral e da Igreja nacional valdesa em particular.

Esse trabalho tem um merito incontestavel: é a sua franqueza. E' difficil dizer mais abertamente que se tomba de qualquer ideal, contanto que o Estado possa manter a ordem social estabelecida.

Escontemos:

"O papel do Estado é tornar o povo o mais feliz possível. Se a religião torna feliz uma parte da população, é quanto basta. Não se trata de saber se essa religião é justa ou falsa. Se a ilusão dar a felicidade, mantenhamos preciosa (sic) essa ilusão" (pag. 374).

O argumento toma todo o seu valor se, em lugar das expressões gerais, são introduzidos os termos especificos indicados pelo proprio autor no fim do seu trabalho.

"O papel da Republica e do cantão de Vaud é dar a maior felicidade possível aos valdeses. Se a Igreja nacional valdesa torna feliz uma parte da população, é quanto basta. Não se trata de saber se essa religião é justa ou falsa. Se as doutrinas da Igreja nacional valdesa dão a felicidade, mantenhamos preciosa essa ilusão."

Suponhamos que, amanhã, a filosofia anarquista abra adeptos numa "parte da população" e esta a julga necessaria á sua felicidade. O sr. Savary, sendo logico, não deveria ver nisso inconveniente algum e deveria dizer: "Se a filosofia anarquista dá a felicidade, então importa que essa filosofia seja justa ou falsa — mantenhamos preciosa essa ilusão." Mas o sr. Savary não o diz. Detesta a anarquia.

O que, para ele, constitui o grande título de glória do cristianismo? Ter este feito suportar muitas e duras "sem revoltas, sem queixas, sem clamores. Quantas misérias ele não tornou alegres e resignadas, quantos pobres contentes, quantos martires felizes!" (Pag. 374).

Aqui bate o ponto: o cristianismo mata o espírito de revolta. Esse é o seu grande mérito, porque desse modo garante o poder do Estado, distribuidor de felicidade ao povo. O Estado deve, pois, ser o mais poderoso possível. Deverá dominar a Igreja. "Com efeito, diz o sr. Savary, se o clero for favorável ao governo, mais força terá sobre os seus administrados."

É a "razão de Estado" em todo o seu esplendor! Que importa a verdade? Que importa a dignidade? Que importa a ação desinteressada? Que importa mesmo a si mesma? O que o Estado importa? O que o Estado, ou antes o seu governo que faz patriarcalmente a "felicidade" dos seus governados. E estes, com a resignação dada pela religião cristã, igualmente administrada pelo governo, nada mais farão do que deitar correr.

Mas, ó sr. Savary, o seu ideal foi realizado nos Estados pontifícios e na Rússia bem melhor do que no canto de Vaud! Que ventura viver sob o cetro do tsar!

"Não! diz o sr. Savary. Podemos achar necessária a influência da Igreja, mas deseja-lhe inteira separação do Estado. Aqui, dividido a minha opinião segundo os países." (Pag. 375). A separação seria nefasta em Lausana, mas é talvez excelente em Thonon.

Verdade a quem dos Pirineus, erro alem. Mas fazemos mal falando de verdade ou de erro! Tudo isso já não tem importância alguma! O que há agora unicamente é o governo e a hipótese Deus. São essas duas coisas que não se assentam. "Para o povo é necessário um Deus-polícia que pune o que o código não pune, e que obriga os homens, sob pena de danação, a seguirem o caminho da moral e da honestidade." (Pag. 373). E o sr. Savary quem o diz com todas as letras.

E, por cima desse povo idiota e mantido idiota pela padaria paga por todos os contribuintes, o governo-providência (um santo, um incanorado talvez no sr. Savary Junior e em alguns dos seus amigos — realizará a felicidade dos valdenses.

Amen.

James Mout.



Intolerância?

Em um colega do interior encontramos a seguinte notícia:

INTOLERÂNCIA — O vigário de Ibitinga recusou-se a celebrar a missa de sétimo dia em sufrágio da alma do professor Julio Mallet, alegando ter sido o falecido venerável da Loja Maçonica.

O tal vigário, conego dr. Manoel Borges Ferreira, demonstrou assim a sua intolerância religiosa e os outros foram bobos em procura-lo.

Intolerante o padre? Não concordamos. Bastante consequente é o que ele foi, se o facto se deu tal qual nos é relatado pela notícia acima.

Incoerentes foram os que levaram o corpo de um mação à igreja para que recebesse a encomendação do padre.

Poderíamos chamar de intolerante um livre pensador que se negasse a servir de sacerdote?

Agora, damos o dito por não dito, se se trata de maçãos do jaz desses que constituem a maioria dominadora das lojas e que são mais clericais que os próprios padres...

ACABA DE CHEGAR:

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa

A questão política

A questão econômica

1911-1912

Coleção de crônicas do nosso colabo-

rador. Novo Volume

Apesar do título — que é o das crônicas do nosso colabo-rador — apenas um terço deste livro é que é constituído por algumas das cartas enviadas para a "Lanterna", o resto é desconhecido para os nossos leitores.

O povo contra a carestia da vida

O comício de amanhã — O que se fará — O trabalho feito pela Liga Popular Contra a Carestia da Vida — Bravatas dum colecionado.

Promete uma extraordinária importância o comício que amanhã será realizado no Largo de S. Francisco, com o qual o povo desta cidade lançará o seu solene protesto contra a exploração dos condôminos ladrões de casas.

Na quasi que precisamente um mês, a Liga Popular Contra a Carestia da Vida, retomando a sua obra iniciada em junho do ano transacto, deu começo a presente agitação, não contando para a levar a cabo senão com minguidíssimos recursos e tendo contra si a indolência e até a guerra da imprensa, preocupada com a política corruptora e com a defesa das grandes transações econômicas lançadas pelos governantes para cobrir as faltas por eles deixadas nos cofres públicos.

Apesar da conjura do silêncio feita pelos grandes diários, a campanha vem sendo feita com grande sucesso, tudo indicando que se conseguirá, pelo menos, tornar bem patente a obra iníqua dos senhores que enriquecem à custa do sacrifício do povo.

O comitê da Liga, desenvolvendo grande actividade, já realizou 16 comícios, todos muito concorridos e animados. O primeiro teve lugar no dia 15 de março p. passado, seguindo-se-lhe outros nos seguintes pontos: Braz (Largo da Concórdia), Bom Retiro (rua Teodoro Penteado), Barra Funda, Campos Eliseos, Vila Mariana, Belém, Moisés, Belémzinho (Largo S. João), Pari, Cambuci, Lapa, Ponta Pequena, Belémzinho (Largo S. José), Ipiranga, Braz (rua Castano Pinto).

Em todas essas grandes assembleias públicas combatem-se com energia a exploração burguesa, sempre mais acentuada; aconselhou-se o povo a não servir de instrumento aos políticos profissionais que se dizem seus defensores; demonstrou-se a necessidade da agitação pública tendente ao patrocínio dos interesses de todos, patenteando-se a necessidade da luta em favor dos direitos.

Aproveitando a ocasião, por toda a parte distribuiu-se largamente jornais e boletins de propaganda e o *Inno al padron di casa*.

E essa agitação, que atingirá com o comício de amanhã proporções extraordinárias, não cessará, não terá fim enquanto não se conseguir pelo menos limitar a exploração dos acaparradores das riquezas sociais.

Para que essa grande manifestação possa sintetizar bem forte o protesto do povo, necessário é que todos a ele concorram, contribuindo também para a sua devida preparação por todos os recantos de S. Paulo.

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida já reuniu nas duas quintas-feiras ultimas todos os subcomitês dos arrabaldes e dos representantes de agremiações de propaganda.

Acederam ao convite da Liga e prestaram o concurso do seu esforço na preparação do comício de amanhã as seguintes entidades: Sindicato Operário de Ofícios Vários, Sindicato das Pedreiras, Estradeiros e Serventes, União Gráfica, União dos Canteiros, Grupo Libertador Germinal, Circulo do Trabalho Social Francisco Ferrer, Circulo de Estudos Sociais Conquista do Porvir.

Muitas associações e grupos levarão bandeiras e cartazes alusivos à agitação. Serão distribuídos jornais, boletins e em avulsos *A Intolerância* e o *Inno al padron di casa*.

Como se vê, vai uma bela jornada de agitação popular.

No Braz

No dia 15, às 7 horas da noite, realizou a Liga Contra a Carestia da Vida mais um comício no populoso bairro do Braz, à rua Castano Pinto, esquina da rua Paraná.

Falou em primeiro lugar Antonio Nalepinski, que explicou o motivo daquele comício e expôs as causas principais da carestia da vida.

Depois fizeram também uso da palavra João Penteado, Francisco Calvo, Angelo Scala, Edgar Leuenroth e Zenon Budazewski, que encerrou o comício.

A concorrência de povo foi grande. E não era de esperar

outro acontecimento naquele bairro, cujos habitantes são na maioria homens que vivem do proprio trabalho e sofrem grandes privações de recursos, e braços com a miséria, enquanto os acaparradores dos generos de primeira necessidade, protegidos pela lei, vivem largamente e abundantemente, despreocupados, felizes, desfrutando os fabulosos lucros resultantes de suas torpes explorações.

Assim, pois, justos, significativos foram os aplausos ali dispensados aos oradores que falaram em nome do povo, convidando-o a agir, a protestar contra este estado de coisas.

No Bom Retiro

Sendo este bairro um dos mais populosos de S. Paulo, resolveu a Liga Popular Contra a Carestia da Vida realizar ali mais um comício, que teve lugar no domingo ultimo, no cruzamento das ruas da Graça e Tres Rios.

A concorrência foi bastante numerosa, com a do primeiro, mostrando-se muito animada a comparecer multidão que à hora anunciada, 7 da noite, encheu o local indicado.

Falou em primeiro lugar o companheiro A. Nalepinski, que expoz os fins da agitação, demonstrando em linguagem simples a situação penosa dos trabalhadores, os mais directamente atingidos pela exploração dos acaparradores.

Terminou acclamando os trabalhadores a se organizarem em sindicatos de resistência para fazerem valer os seus direitos, e o povo em geral a persistir na agitação pública contra a acção gananciosa dos que formam os *trusts*.

A seguir tomou a palavra um popular, o sr. Antonio Soares, que expoz a situação dos trabalhadores, e apregoando-se representantes de uma democracia, vivem a roubar o produto, de dia para dia mais sacrificado.

Um incidente, um curioso incidente interrompeu a boa marcha do excelente comício. Um sr. que, havia alguns instantes, estava metido entre o povo assim com ares de quem tem qualquer coisa atravessada na garganta, foi até à improvisada e incomoda tribuna e interrompeu o orador.

— Que é isto aqui?

— É, como deve ver, um comício contra a carestia da vida.

— Não pôde continuar, disse o homem que parecia ter qualquer coisa atravessada na garganta. E, assumindo assim a attitude de inspector de quarteirão da roça, agarrou o orador pelo braço, entregando-o a uma praga para que se levasse para a delegacia proxima.

Intervieram representantes da Liga Popular Contra a Carestia da Vida que, chamando a si a responsabilidade da reunião, protestaram contra semelhante violência, reclamando a liberdade de do sr. Antonio Soares dos Santos.

Ao bem enfileirado perturbador da ordem foi dito que aquele não era o primeiro comício realizado, já mais de uma duzia deles tinham sido levados a efeito na mais santa paz do Senhor...

Qual, o *chanteleur* do bairro não quiz dar ouvidos e razião alguma. Ali mandava ele.

O companheiro Edgar Leuenroth disse-lhe que o comício tinha sido convocado pela Liga e por isso, como membro do seu comitê, reclamava a liberdade do popular preso e prontificava-se a prestar as informações que desejasse.

Tal não fizesse! Foi também agarrado pelo estirralho da zona.

— Isto é um abuso. Não somos bandidos para que nos agarrem assim.

— Respeite a autoridade, vociferava o homenzinho.

— Só agora é que o conheço. Não pode! Não pode! Já gritava o povo indignado. E a reunião, que em correndo tino ordem, já ameaçava acabar em *encrenca*, quando com o comparecimento do delegado da Cen-

tral o homem das bravatas teve de meter a viola no sacco.

Por entre os aplausos e as exclamações da multidão, o sr. Antonio Soares dos Santos voltou à tribuna para terminar o seu discurso tão estupidamente interrompido.

Falou depois o companheiro Edgar, evidenciando a situação precária do povo trabalhador, que já sente a negra miséria bater-lhe à porta e da qual só se libertará pelo seu proprio esforço, agitando-se constantemente e energeticamente, organizando-se em fortes associações de luta.

Usaram ainda da palavra os companheiros José Romero e Zenon, demonstrando a premente necessidade da união dos trabalhadores que são as principais vítimas de todas as crises economicas.

Tornou a falar Edgar Leuenroth para convidar o povo do Bom Retiro a comparecer ao grande comício de amanhã, 20, e a formar o subcomitê local, que ficou immediatamente constituído.

Em outras cidades

No Rio — Promovido pela Federação Operaria, de acordo com a Confederação Operaria Brasileira, realizar-se-á um grande comício no largo de S. Francisco, ao qual comparecerão numerosas associações de luta.

No Machado — Também nesta cidade do Estado de Minas será realizado um comício publico pela activa Liga Operaria local.



Joseph Jubert

Está satisfeita a sede de vingança torpe dos caciques da policia de Sorocaba.

O bom companheiro Joseph Jubert já se encontra metido entre as grades do primeiro andar de cativeiro, com a sua inextinguível e corajosa, não deixando em paz.

Os nossos leitores já conhecem Joseph Jubert. É um lutador incansável, de tempera já alta, que em toda a parte onde esteve mostrou sempre quanto vale uma consciência forte ao serviço de homens de pulso firme.

Residindo constantemente no interior, ganhando a vida laboriosamente como professor ou no seu officio de marceneiro, Jubert não raro teve contra si o odio implacável dos regulos que, por meio da policia, dominam as pequenas cidades.

De Alibatis saiu ele devido a um processo, em Bragança açou-ceu-lhe o mesmo por causa da campanha feita pela *Lanterna* contra um padre assalariado que naquella cidade pertencia à camorra da policia local.

A pena de Jubert é inexorável, corta como o bisturi cirurgico. Daí o terror que infunde aos bandidos de casa. E como não o podiam fazer calar de outra forma, processaram-no, arrancando a sua condenação dos laços da senhora dos olhos vendados.

Foi o que se deu em Sorocaba, onde o querido companheiro, delendendo os operários de uma officina local, foi obrigado a fugir um perseguido qualquer. Veiu um processo, porém o juiz, num admirável gesto de independência, desproporcionou o apelar para o Tribunal de Justiça. Movimentaram-se os caciques todos, a sentença foi reformada e Jubert condemnado a quatro meses de prisão e 450\$ de multa!

Estava satisfeita a vontade dos caciques, que pretendiam ver o mopo decidido fora dos seus domínios. Mas Jubert ainda uma vez mostrou o que é. Deverão realizar-se naquella cidade um comício contra a carestia da vida. Jubert foi à policia, levou a comunicação regular, lá ficou.

E a esta hora deve estar ele metido no uniforme penitenciario. Na Penitenciaria não havia vaga alguma, mas para Jubert encontraram-na. Posse um apauzado dos exploradores e toria o Estado Maior.

Não lamentemos. Essa é a sorte dos homens fortes, dos que atraem a fúria da policia. Levam a comunicação regular, lá ficam.

Aos bandidos que o meteram na prisão devemos: cana, dia virá e quem ajustaremos conta!

ADOLFO ANTA

Adolfo Anta, o operário preso a quatro meses em Santos, ainda encontra na Detenção do Rio!

Porque o prenderam? que crime cometeu ele?

Respondam os senhores que dominam esta vasta senzala paulista.

Isto já nem tem mais qualificativo.

Sabem qual foi o horrivel delicto cometido por Adolfo Anta? Não!... Escutem...

Em janeiro, a Federação Operaria de Santos, atendendo a um apelo da sua congénere argentina, resolveu realizar um comício para protestar contra as leis scleradas. Sendo necessário fazer a comunicação à autoridade local, Adolfo Anta foi encarregado de leva-la a delegacia.

Foi... e de lá não saiu. Aquele acabada figura de jesuita, que exerce o cargo de esbirrão naquela cidade, prendeu-o e mandou-o para o Rio.

E Adolfo Anta ainda lá se encontra, sem culpa formada. Está sendo tratado, passando as mais duras privações.

Não param ali as bravatas do delegado. Depois de ter a vítima nas suas garras, alguns esbirros foram ao seu quarto, arrastaram-lhe a porta, vasculharam-lhe as malas, levando os livros, folhetos e mais objectos que encontraram.

E enquanto os operários sofrem destas violências, é pela autoridade dada livre fuga ao filho do dr. G. Carvalho, leader da bancada paulista na Camara Federal, um tal Antero, useiro e vezeiro em proezas d'juanesmas e que agora, certo da impunidade, lá delirou uma pobre moça!

E mesmo em Santos há um jornal, redigido por infamissimos sujeitos, que está atacando os operários porque eles mandam relatar estas belezas dos seus patrões lá pelo estrangeiro.

No Rio já se nomeou um advogado para tratar de, pelos meios judicarios, conseguir a liberdade de Adolfo Anta.

— Quando por suas veias vai agir.

E quem não protestará contra uma tal infamia?

ASTROGILDO PEREIRA

LOYOLA, PADRE MESTRE

Lido na ultima "quintafeira santa" na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Camaradas: não fora eu apenas o escriba enfezado que sabéis, e ouviria, neste momento, uma serie indignada de apostrofes candentes contra Loyola... contra esse mesmo Loyola maneiro e macio que aparece em publico como tipo perfeito de delicadeza insinuante e suave... Ah! que bem as merceis, cobradas e acoutinadas, o mestre inaspervol de embute!... Intellectualmente, camaradas, a minha lingua é curta... é inapta para os grandes arroubos oratorios... Mas nem por isso deixarei de reter-vos as causas deste meu desejo de vengencias tribunicas. Fal-o-o rapidamente, sem comentario maior.

Sabéis que o castigo é um processo irreversivelmente condemnado pelos modernos metodos de educação. Pois bem: mestre Loyola, ministro dum Deus de misericordia infinita... Loyola emprega o castigo como meio de educação e de ensino...

En vou enumerar-vos as especies de castigos usados no Colegio Anchieta de Nova-Friburgo. Atendei...

Ha, primeiro, a *coluna*. É um castigo comum. De toda a hora. Banalissimo. Consiste em obrigar o castigado a ficar encostado a uma das colunas que sustentam os barraes dos recreios. O tempo de castigo é proporcional ao crime cometido. O minimo da pena é de seis horas; o maximo é illimitado. Assim, durante os momentos de recreio, ha sempre uns quantos rapazes de pé, prohibidos de falar, durante meia, uma, duas e mais horas. Si o tempo de recreio não comporta o tempo de castigo, este continua nos recreios seguintes, até terminar a pena.

Outro castigo, também banalissimo, é o *penso*. Consiste em obrigar o castigado a escrever ou copiar alguma coisa tantas ou quantas vezes. Supponhamos uma aula de portuguez. Mestre Loyola pergunta o tempo dum verbo qual. O aluno não sabe, ou sabe mal. Si o professor desconfia que essa ignorancia é devida à desidia do rapaz... o remedio ali está: copiar cinco vezes todos os tempos

e modos do verbo em questão. Esse numero de vezes varia ao infinito. (Eu, por exemplo, fui castigado, um dia, com trinta copias de não sei que verbo...) A *mesa separada* é outro castigo. É aplicado durante as refeições. Como o termo indica, cifra-se a uma *mesa separada*, onde o reprimido vai curtir a pena. — De pé e de joelhos, na sala de estudo e, às vezes, no refeitório, não é castigo raro também. — As descomposturas são frequentes. Nos recreios, no estudo, no refeitório... Em toda a parte. E por vezes Loyola é desobedecido...

— Existe também a *bordada*. É raro... mas existe. Mestre Loyola nem sempre sabe ao contar, e, nos impetos do raiva, distribui cascudos e cachapões com a mesma facilidade com que distribuiria balas...

— Há ainda o *quarto escuro*. Está destinado aos expulsos do Colegio. Desde que o aluno é eliminado, vai para o *quarto escuro* e lá fica, até que o venham buscar. É a separação do *fofo biblico* do trigo não menos *biblico*.

Bem, os castigos correntes. Outros haverá, eventuais, de que me não posso recordar. Como vêdes, existe no Colegio Anchieta, em pleno vigor, um *codigo penal* completo...

Chamam-se *amiguinhos*, lá no internato, os rapazes que se namoram. Surpreendeis-vos?... Eu repito: que se namoram... Porque ha um perfeito namoro. Como entre pessoas de sexo diverso. Nota! bem que eu me não refiro a possíveis actos escabrosos. (E digo possíveis pois sim, pois não vos digo que não são impossíveis...) Não. O namoro entre os *amiguinhos* não visa concubina. É platónico. É pouco mais que um *flirt*. Ou talvez menos...

Os *amiguinhos* constituem um facto curiozissimo. Imagina! dous rapazes a se olharem ternamente, longamente... por entre suspiros e risinhos... E a trocarem bilhetinhos amorosos, escondozinhos pigmeos melosos e apaixonados. É um perito namoro, com os indefectíveis arroubos e as classicas scenas de ciúme...

Curioso... não é?... Curioso mesmo... E o melhor é ficarmos neste qualificativo comum. Cada qual que lhe dá a intensidade que quiser. Mas, para isso, não vos digo que a intensidade que eu lhe empresto não é, com certeza, das mais incertas... Adiante, porém...

E vai, agora, uma anedota. Durante o tempo em que lá estive internado, o Colegio Anchieta foi honrado com a visita de varios bispos. Se o calculo não me falha, precisamente quatro foram os precursores que Loyola hospedou no decorrer daqueles doze meses. Um deles, por sinal, um grande asno de bispo: foi o archiepo desta Sebastião-polia, este mesmo eminente canhão que é hoje o cardeal Arcoverde...

Os outros tres foram os bispos do Amazonas, do Pará e do Rio de Janeiro, Estado. Estes quatro santissimos varões deixaram-me uma impressão profunda. E caracteristica... Por que...? Porque eram quatro indivíduos extremamente autoritários. Irresistivelmente autoritários. Ingenuo e fanatico, eu explicava aquella solida corporal como um favor divino. Era milagreiro... Pois, de certo! Só por milagre um bispo podia ter tanta banha... Porque, parece, um bispo não é um porco. Bem no contrario, a gente pressupõe no bispo catolico um homem humilde, sobrio, pobre, quasi miseravel. Um homem deita Sebastião-polia, este mesmo eminente canhão que é hoje o cardeal Arcoverde...

Os outros tres foram os bispos do Amazonas, do Pará e do Rio de Janeiro, Estado. Estes quatro santissimos varões deixaram-me uma impressão profunda. E caracteristica... Por que...? Porque eram quatro indivíduos extremamente autoritários. Irresistivelmente autoritários. Ingenuo e fanatico, eu explicava aquella solida corporal como um favor divino. Era milagreiro... Pois, de certo! Só por milagre um bispo podia ter tanta banha... Porque, parece, um bispo não é um porco. Bem no contrario, a gente pressupõe no bispo catolico um homem humilde, sobrio, pobre, quasi miseravel. Um homem deita Sebastião-polia, este mesmo eminente canhão que é hoje o cardeal Arcoverde...

Como é de prover, essas visitas motivaram varios festejos em honra dos santos hospedes. Seria massante descobrir o que são esses festejos. São como todos os festejos. Bandeirolas, galhardetes, musicas e comitantes condimentos... Apenas eu quero salientar que, a chégida, os alunos formam, em fileiras militares, e recebem o reverendo aos vivos...

Falava o reverendissimo bispo D. Vilano... Pois... e aqui entra a anedota, — uma vez o Colegio foi visitado por um personagem importante que não era bispo. Era o presidente do Estado do Rio. Justamente o sr.

A INTERNACIONAL

A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!
A pé! ó vítimas da fome!

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos,
a Internacional!

Messias, deus, chefes supremos,
Nada esperemos de nenhum!
Sejam nós que conquistemos
A Terra-mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
Para sair deste outro estreito,
Façamos nós, por nossos filhos,
Tudo o que a nós nos dá respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de risco, a lei o cobre,
O Estado esmaga o oprimido,
Não há direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
O oprimido não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres!
Não mais direitos sem deveres!
Não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abomináveis na grandeza,
Os reis da mina e da fôrma!
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolhe;
Querendo que ela restitua,
O povo só quer o que é seu.

Bem unidos, etc.

Fomos do hume embragados!
Por entre nós, guerra os senhores!
Façamos greve de soldados:
Somos irmãos, trabalhadores,
Se a raça vil cheia de galas,
Nos quer à força caibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

Bem unidos, etc.

punho, implorando a Deus, ou quem sabe se até ao Diabo, que acabasse com a chuva... mas o homem das longas barbas, o Eterno, fez ouvido de mercador.

Um tansurado, o dr. A. Malatesta... pela Santíssima Trindade, não contaria com o canal da E. Malatesta! por-se a vomitar do pulpo, um improprio contra os operários...

Ora o tal... lito é digno dum ignorante, dum desequilibrado, porque embora os operários sejam hostis para com a religião, são tolerantes para com os seus terríveis inimigos.

Mas o que mais irrita nessa pagoda toda foi a despotica acção da policia. Um qualquer indivíduo, por não tirar o chapéu era preso. Mas não nos devemos admirar disso, pois o nosso muito digno amigo o famigerado bacharelle B. B. não recebeu benção do papa para outra coisa...

De resto, enquanto não estabelecermos uma campanha tenaz contra essa corja de ladrões só veremos isto: água benta, hostias e exploração por todos os cantos.

Consta que alguns companheiros vão fundar um centro livre-pensador, atendendo assim ao apelo do companheiro Adrenal.

NO RIO

FESTA DE PROPAGANDA SOCIAL

O Grupo Dramático Anticlerical, novel e proveitosa agremiação fundada por um núcleo de activos socios da Liga Anticlerical, organizou uma magnífica festa de propaganda, que se realizará no dia 30 do corrente, no Teatro Centro Galego.

E o seguinte o seu bem compilado programa:

1.ª PARTE — Primeiro de Maio, drama social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.ª PARTE — Conferencia pelo cardeal dr. José Oiticica, que dissertará sobre o tema — O trabalho livre;

3.ª PARTE — Amanhã! peça social em um acto de Manuel Laranjeira;

4.ª PARTE — Baile familiar.

Os cartões de ingresso para esta bela velada encontram-se na sede da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela Lanterna e que podem ser aproveitados para almanacs, revistas, jornais, avulsos, etc.

O preço, livres do porte e do registro do correio: de 3 columnas, \$300,00; de 2, \$200,00.

Os pedidos devem vir acompanhados de cheque ou importância e de indicação dos ns. em que foram publicados.

para Salverio, d'Ethalondes, de Maillefeu e de Cabeca de Ferro.

D'Ethalondes tira a Abbevillle e trouxe-a a senhora de Villancourt, Parmentier e um indivíduo grave e solene, vestido de preto. Ao chegar ao castelo, Salverio tivera com sua filha um demorado colloquio.

Em quanto a berlinda e os cavalos esperavam, estavam no salão todas as pessoas presentes no castelo, menos Salverio e Flor de Maio.

O homem do negro estava de pé no meio, diante duma mesa.

De repente abriu-se a porta do fundo e appareceu Salverio, dando a flor de Maio, vestida de branco. A senhora de Villancourt, que lhe trouxera o traje virginal, levantou-se, e, vendo todos admiravam e cumprimentavam a jovem, e depondo-lhe um beijo na fronte, disse:

— Minha filha, mereces a felicidade. E se só de mim dependes, tó-la-eis!

Salverio voltou-se para o homem vestido de preto:

— sr. notario, servi-vos dar o meu vosso encargo.

O funcionario abriu a sua pasta, tirou lá de um papel e principiou gravemente:

— Trata-se de um contrato matrimonial entre o nobre senhor João Francisco Letreux, Cavaleiro de la Barre e... Não conheço ainda o nome da noiva...

Fez-se um profundo silencio. Salverio, grave e lentamente, declarou então:

Canhenho do Sacy

Mais de 100.000\$000 ao Verbo Divino — Escandalo administrativo em Minas

— Ha seguramente seis meses que tu não dá's sinal de vida, Sacy.

— É verdade. Não é que tenha arrefecido o meu temperamento de um Sacy que se prezava.

Mas, ha, mesmo na vida de um Sacy, occasião em que elle necessitaria, como qualquer mortal, de cuidar da vida...

O tempo tem-me sido tão escasso, ai bem que sobrejei os assuntos palpatos.

— É verdade, Sacy.

Ainda agora bem em foco temos o escandalo da concessão ao Verbo Divino, feita pela prefeitura desta carissima Belo Horizonte...

Isto é para formar no lado dos contos o grande rosario de concessões congêneres, feitas pelos nobres homens de governo, ou melhor de desgoverno, que não cessam de ser republicanos de uma Republica de farrapos.

Republicanos que qualquer dia entregando este desventurado paiz a um pretencioso D. Luiz de Bragança ou a outro representante do Papa, para dale fazerem os clericais uma monarchia consolidada nos allicerces da grande casa comercial de Roma, sob a direção de S. S. o muito digno representante do Cristo, no Vaticano!

A parte que nos toca, já vai ser feita nos allicerces ora concedidos ao Verbo Divino, que era destinado a municipalidades mineiras, para a sonhada «Exposição Permanente», tão bem ideada e tão mal fundada.

— São coisas, Sacy.

— Sim, são coisas, mas coisas de perigo, como está o nosso, em que só os homens desconatos tem assento no poder, que ainal é o seu lugar.

Desde a sua descoberta que o Brasil vem sendo explorado pela caflia clerical, e só devido a seus infundáveis fontes de riquezas naturais, ainda não capitulou de todo, caindo em poder absoluto dos santos representantes de Jesus Christo.

As suas riquezas tem chamado a eles, sem preconceitos, e é isto que tem lhe valido a liberdade de ainda não ser de todo um prisioneiro do Vaticano...

Mas nem por isto lhe faltam os ladrões, nem por isto elle escapa de possuir governantes desleais, ineptos e inconscientes, que supõe por salvos a sua alma das garras do averno, entregando o que lhes não pertence, aos falsos representantes de Deus e a estes insaciáveis mendigos abastados que são os padres, e toda a caterva que os ajuda.

Mas ha ordens religiosas que prestam serviços a humanidade, educando as crianças, socorrendo os necessitados...

Puro engano, meu amigo.

Todas essas ordens religiosas tem a capa de caridosas, de instrutoras da alma, e por isso são apanhadas os azeites dos papalvos, quando não apanham boladas de cem contos de réis, ou de mais, como acontece com a ordem de S. S. o muito digno allicerces da ex-futura Exposição, laticiosamente doados a uma congregação que nome se recomenda por originário de uma legenda...

Verbo Divino, é assim como quem diz — Conto do Vigário pois nada resta, ainda uma fábula, em que um S. José via a esposa dar a luz, por obra e graça do Espírito Santo, assim como aquelle portuguez cuja esposa, depois de uma ausencia de quatro annos, deu á luz a um filho

guia pela intolerancia religiosa... d'Ethalondes e de Maillefeu estenderam a mão a Salverio.

— O vosso nome, disse o primeiro, não é sómente sinónimo de martirio. Significa tambem humanidade.

— E sciencia, exclamou Parmentier.

— E luta pela liberdade, ajuntou de Maillefeu.

Todos o rodearam. Salverio, comovido, tinha lagrimas nos olhos. Flor de Maio, suspensa do seu braço, contemplava-o com extase.

— Meu pai! murmurava ella.

— Meus amigos, minha filha, um momento como este compensa annos de amargura.

Por fim, fez-se a calma, e o notario disse:

Sabeis que a vossa cabeca, e a do sr. Cavaleiro foram postas a preço?

— Bem sei, disse simplesmente Salverio.

— Continuo, então... Entre o senhor Cavaleiro de la Barre e a senhora Genevieve Vanini, ambos presentes, assim como estão presentes as testemunhas e parentes. Está tudo pronto. Agora só faltam as assinaturas...

A sra. de Villancourt tomou a palavra:

— Meu sobrinho, alem dos seus bens proprios, tem como dote os meus dominios particulares...

— Deixa! Sou velha e já sou jovente... Fico com o usufruto até morrer...

— Pronto! disse o notario.

— O meu palacio de Abbevillle, com moveis, cavalos e dependencias, é para a encantadora criatura que tenho a honra de receber na minha familia.

Salverio agradeceu, dizendo por sua vez:

do mesmo portuguez, concebido em sonho!

— Coitas da villa, meu amigo.

Sinco annos da vida, que accon tecedor enquanto houverem todos que sustentem os barriqueados de coras, representantes das benemeritas ordens religiosas, cujos rotulos apenas as distinguem umas das outras, mais cujos fundos são todos rotos, como rotos os de S. S. os muito dignos dirigentes, dos Faustinos e caterva...

Aqui intencionalmente elas se vão implantando mansuetamente, com o intuito de fazerem o auxilio do governo, ou lhas dando em dinheiro 200.000\$000, como fez o de Silvano ou Sales, para a matriz de S. José, a congregação dos primos-tratantes ou redentoristas, ou por terrenos valiosos, como abiscotou o «Colegio Santa Maria» — congregação não sei de que, mas cujo unico fim é extorquir dinheiro do povo, ministrando a peso de ouro uma educação erronea ás crianças, cujo ingratidão no collegio é preciso ser precedido da pomposa declaração de serem filhos de pais abastados e de serem brancos...

Ora é o caso vertente em que se depara sob pretexto de ser imprimeiro, um proprio do Estado, em que todas as municipalidades são condôminas, mas nisto de uma congregação religiosa explorada por frades estrangeiros, ignorantes e ladravizes, como sôem ser todas as congregações bandidas das nações civilizadas.

— É verdade, Sacy. A meu ver, nenhuma utilidade pudesse vir a prestar a Exposição, o melhor caminho não era o governo se desfazer dos allicerces e terrenos existentes, assim clandestinamente.

Era aproveitados-os para o fim destinado em seu começo, ou chamando concorrentes para uma venda em hasta publica, em que tanto poderiam concorrer as congregações como qualquer particular ou mesmo alguma das municipalidades condôminas, que os governos se desfizeram.

Seria mais acertado, e sobre tudo mais honesto...

— Mas o que queres, meu amigo?

Estamos no caminho de uma restauração monarchica, em que tem de tomar parte saliente os clericais, e eles vós propoem se desfazerem do dinheiro e de consciencias venais, de elementos compostos de Melchisedes, Belisarios, Hermes, e que tais...

Infelizmente são poucos os bondalutadores para os decretos de banimento...

Sacy.

B. Horizonte, abril — 913.

FESTA DE PROPAGANDA

EM S. PAULO

No dia 30 do corrente, ás 8 horas da noite, no Salão Celso Garcia, rua do Carmo, 39, terá lugar uma festa de propaganda, que constará do seguinte programa:

1.ª PARTE — *La Ideale*, peça social em um acto, em verso, de Pedro Gori;

2.ª PARTE — *Sangue fecundo*, drama social em dois actos;

3.ª PARTE — *La piccola revolucionaria*, monologo;

4.ª PARTE — Grande quermesse;

5.ª PARTE — Baile familiar.

Minha filha leva em dote uma soma, que tenho escondida em Tolosa e importa em cinco milhes de libras de prata, menos um milhao de libras que, segundo vontade de meus pais e desejo meu, será destinado a aliviar misérias.

Passado um momento, o notario pediu que firmassem.

— Eppressa, recomendo Salverio. Antes da noite, devemos estar em S. Valerio, onde os nobres embarcarão para Inglaterra... Depressa!

O Cavaleiro firmou, passando depois a pena a Flor de Maio que, toda tremula, se dispôs a escrever o seu nome. Neste momento, porém, abriu-se com estrondo uma porta, clamando um voz:

Em nome do rei, estais presos!

Era o juiz da senescalia de Abbevillle, e outro arceprete Gerfauf e o conde de Bellevall. No corredor ouvia-se o tilintar de espadas, o ruído dos mosquetões batendo no pavimento, a voz de commando dum official.

Alerta! gritara Estocada, desmanchando a espada.

Houve um momento de espanto, de rumor e de desordem.

— Rendei-vos todos, em nome do rei! repetia o juiz.

D'Ethalondes, de Maillefeu, Estocada e Cabeca de Ferro reuniram-se instintivamente e formaram um grupo diante de Flor de Maio, Salverio e João.

— Prendi o Cavaleiro de la Barre! rugiu Gerfauf.

— Apoderal-vos do sacrilegio bandido Vanini! gritou de Bellevall.

— Fugi! fugi! diziam d'Ethalondes e de Maillefeu a Salverio, começando a esgrimir.

Soldados, avançai! ordenou o official.

Todas estas exclamações rapidas e violentas se chocaram e cruzaram.

Bilhetes e recados

2.ª julista — Abranches: Recebidos os dois vales de Campinas, as listas e mais apontamentos, que foram todos feitos de accordo com as indicações da Guarda-mor e G. e S. 7.ª. Mandaremos jornais logo que indiquemos com tempo para onde deverão ser enviados os vales onde levamos cada estafada... E um camarada sempre cheio de boa disposição. Escrever. Saudações de todos.

Rio — Adrenal: Já lhe transmiti o teu recado. Escrever-te-á. Saudé!

S. Pedro — M. C.: Ainda não appareceu em livro uma tradução especial para a Lanterna. Saudações.

Cachoeira — A. F. da S.: A transference foi logo feita. Deve ter havido extravio. Iratopelas affirmações de simpatia para com o nosso jornal. Saudações.

S. S. dos Correntes — A. A. B.: Registamos o nosso assinante de Itabora. Irá tambem algumas para o achão. Saudações.

Santos — M. G. R.: Fizemos a transference. Saudações.

Pirajá — Correspondente: Não se arreceia. Seremos mais pacotes para a propaganda. Esperamos pela lista de assinantes. Agradecemos lhas e aguardamos a lista. Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: Pois com, toda a regularidade tem vindo a expedir. Segue o extravio. O cliché ainda não foi devido á dificuldade em encontrar o retrato. Escreveremos o novo assinante. Segue o recibo.

Sabará — Z. H.: Recebemos o vale para a subscrição voluntária em favor da Lanterna. Vamos remeter-lhe a lista. Sentimo-nos deveras satisfeitos ante essas demonstrações de simpatia pela obra do nosso jornal. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Creemos ter satisfeito todo o seu pedido e respondido a todas as consultas de sua de 6. Excelentes as disposições da nova agremiação. Oxalá os seus esforços produzam os resultados almejados, fazendo surgir novos núcleos em outras localidades. Registamos os novos endereços. Mandaremos jornais a Saudações.

S. Paulo — C. S.: Não é motivo para tomar uma tal resolução. O periodo da área ha-de passar e então... Saudações.

Niteroi — Gildo: Bravissimo! Iniciativas como essas dão-nos verdadeiros banhos de enthusiasmo e de energias novas. Com um núcleo de alguns camaradas que, com pulso firme, impessam algum desvio, multipliquem-se para conseguir com o apoio desses novos. Irão os endereços. Boas as despedidas. Entendo que mesmo por um golpe de audácia devemos executar o projecto. Esta indicção enerva. Saudé!

Mogi das Cruzes — M. Gillardi: Satisfeitos nos o recebimento da sua de 14 contos a noticia da fundação da nova agremiação de combate. Oxalá não se arreda ela de sua rota, como tem acontecido com muitas das que por aqui existem. É justamente onde o mais prestigio que a luta deve ser mais activa. Apontados como tais núcleos em toda a parte. Somos para eles o diabo em pessoa... Ha muita dificuldade a vencer, mas isso deve ser mais um estimulo para a sua luta. Acclamamos com satisfação o seu oferecimento, agradecendo-lhe a antecipação do que lhe fizer pelo jornal que já é vendido ai. Saudações.

Campinas — G. P.: O A. comunicou-nos o recebimento dos 35 da

T. L. Que tal? Já seguiu o officio. Saudações.

Jundiáhi — J. L. F.: Do compaheiro Abranches recebemos o seu recado sobre a conferencia. Vamos providenciar. Saudações.

Rio — Jango: Vens? Que ha de novo? Em casa vai-se rodando. Saudé!

Sorocaba — L. de M.: Como veis em outro lugar, vai-se fazer por tudo o que for possível. Em tal lugar bem tu se passa... Publicaremos tudo quanto sobrevermos a respeito. Saudações.

Setubal (Portugal) — M. L. S.: Começamos com o presente numero a remeter-lhe o jornal. Saudamos por seu interesse os commentos dessa cidade.

Postais de Ferra

Tomos á venda postais com o retrato de Ferra.

Preço: 1 dúzia \$500 e avulso 200 réis.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversos medallas de bronze, prata e ouro. Progressivamente está se esgotando por este vasto paiz: já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que aliam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Flial, Rua da Alameda, 194 — Rio de Janeiro.

Fundação e Mecânica, Rua Santa Rosa, n. 2 — S. Paulo.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1837

Excusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de prepos. Sem producto. So conhecidos em todo o Estado

Ferreira & Comp.

Avenida Rangel Teles, 60 — S. Paulo

CALLOS

para Callos, Cravos, Frieiras, Berruços e Uchis. Etc.

A LISBENSE

Preparado de José Arthur Almeida de Souza

REC 1830

A melhor até hoje conhecida extrae os callos com a raiz e não voltam mais.

Delegia ao p. 1.ª Dúzia, 10.000.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias de todo o Brasil.

Deposítarios: Drogaria Barbosa & Comp. — Rio de Janeiro; Drogaria Mata — Rua 7 de Setembro, 81.

Não ha remedio igual

É maravilhosa

logo que o gascão e o flamengo se puseram novamente a caminho, o fado morto resurgiu, levantando a cabeça e seguindo com o olhar os seus vencedores. Depois arrastou-se para os campos e correu para Francières, marginando o caminho. Assistiu ao encontro dos dois trufadores com um grupo de quatro cavaleiros, nos quais reconheceu Salverio, o Cavaleiro de la Barre, d'Ethalondes e de